

Cidades em “Cidade”

Frederico de Mello Brandão Tavares e
Paulo Bernardo Ferreira Vaz

Resumo

Este texto pretende olhar para a relação cidade-jornalismo, observando de que maneira jornais diários de grande circulação representam a cidade a partir de sua cobertura, contribuindo e realizando um tipo específico de construção social da realidade. Nesse sentido, destina-se um olhar atento para os cadernos “Cidade”, editoria presente na maioria dos grandes jornais impressos, cujos estudos ainda são escassos.

Palavras-chave

Jornalismo; Cidade; Construção Social da Realidade; Cadernos “Cidade”

Abstract

This article aims at analyzing the relationship that takes part between city and journalism. It takes into account the means by which daily newspapers of large circulation depict the city through their journalistic coverage, thus contributing to produce a specific social construction of reality. To this end, we study the “City” section of the selected publications – a section of newspapers – which although common, has been scarcely studied till present.

Keywords

Journalism; City; Social Construction of Reality; “City” Section

Introdução

Ao tomarmos a leitura jornalística sobre a realidade, podemos dizer que é sobre o território das grandes cidades que, na maioria das vezes, incide o olhar jornalístico. Seus textos visuais e verbais possuem grande importância na construção social da realidade urbana no século XXI.

A relação entre o jornalismo e a cidade está na base do surgimento da atividade noticiosa. O surgimento da imprensa escrita está diretamente relacionado ao advento da modernidade. Nas sociedades modernas ocidentais, a partir do século XV, iniciou-se um processo que culminou, segundo John B. Thompson, com a “institucionalização da comunicação”. De certa forma, podemos dizer que, com o advento da imprensa, a comunicação ganhou formas mais definidas, materializando-se em meios e produtos específicos. A necessidade humana de comunicação e troca de informação foi incorporada por uma nova produção e circulação de bens simbólicos (THOMPSON, 1998). A comunicação também se torna objeto de consumo. Nesse contexto, entre os séculos XVI e XVIII o jornalismo como prática de veiculação periódica de informação começa a ganhar força. A consolidação desse processo ocorrerá no século XIX, quando a imprensa jornalística assume propriamente sua condição empresarial e sua regulação pelo mercado, atingindo milhões de pessoas¹. Além de fazer circular informação, o jornalismo passa a comercializá-la. Na acepção de Cremilda Medina, a

(...) identificação da mensagem jornalística com atividades urbanas, primeiro comer-

ciais e em seguida industriais, leva à expansão que hoje se identifica na comunicação de massa. (MEDINA, 1988, p.15)

A informação jornalística e seu surgimento estão alicerçados, para a autora, na sociedade urbana e industrial. Mas, como relembra Vera França,

(...) a sociedade moderna não inaugurou as relações de informação; ela desenvolveu novas formas de atendê-las. É verdade que essa sociedade levou muito longe a dinâmica de comercialização de bens, mas não inventou o comércio entre os homens. (FRANÇA, 1998, p.27).

Mesmo que se repassando rapidamente o tema, evidencia-se a interdependência existente entre a cidade e o jornalismo. Os grandes centros urbanos estão diretamente ligados ao nascimento e à proliferação dos veículos de informação periódica² e, por tal motivo, sempre foram tema central de suas notícias, compondo, constantemente suas principais páginas. Como a realidade social é um fluxo ininterrupto de acontecimentos, matéria-prima do jornalismo, cabe ao jornalista selecioná-los e transformá-los em fatos, em informação. Não é por acaso que a grande maioria dos temas que povoam diariamente os jornais têm a cidade como pano de fundo. Há no jornalismo uma valoração da vida cidadina, cabendo-nos perguntar que tipo de valor é dado (ou não) a que aspecto da realidade urbana estampada nos jornais.

Assim como a cidade é terreno de grande importância para o jornalismo, ela o é igualmente para a sociedade em geral. Observando as páginas dos jornais, podemos dizer que a própria idéia que a socie-

¹ *Esse aspecto deve ser olhado com cuidado quando pensamos o jornalismo. Segundo Vera França, promover a identificação do jornalismo “(...) com uma vertente específica (a dinâmica do mercado), com um contexto determinado (a sociedade capitalista moderna), é negar a diversidade de papéis e formas de que ele pode se revestir sem perceber suas ligações com necessidades mais extensas da vida social” (FRANÇA, 1998, p.27).*

² *Sobre o início da imprensa comercial e industrial brasileira, ver MEDINA (1988, p.47-51).*

dade possui de uma cidade e de sua organização está ali refletida³. O fazer jornalístico articula o cotidiano a partir da pluralidade da cidade e estabelece maneiras de pensar e transmitir os acontecimentos que ali ocorrem. Tais “pensamentos jornalísticos”, quando extrapolados para além do discurso verbal, podem ser facilmente reconhecidos em outras formas discursivas presentes na materialidade do jornal, tais como fotografias, desenhos, gráficos etc.

As grandes metrópoles hoje são vistas como local de intensa vivência, onde os mais diversos sujeitos se encontram e onde, a todo momento, o cotidiano assume várias características. No mundo de hoje, as cidades possuem pontos em comum que as interligam e as colocam em constante intercessão e em relação de interdependência. Pensar as grandes cidades hoje é pensar uma realidade global, incidindo sobre uma realidade local, envolvendo os cidadãos e suas práticas. As cidades e as formas de vida por elas geradas exercem fortes influências na vida de seus habitantes que, por sua vez agem sobre elas, construindo-as e modificando-as.

E o que mais tem visibilidade nas grandes cidades hoje? O crime, o vício, a delinquência social, a exclusão, a desigualdade, a violência. O homem dos grandes centros urbanos vive em uma enorme densidade populacional, tornando-se mais vulnerável à complexidade do ambiente em que vive. Nas cidades convivem a forte divisão de trabalho (altamente hierarquizada e desproporcional) e a incessante circulação de mercadorias, que hierarquizam setores e classes no

espaço urbano, assim como determinam a divisão de capitais entre os grupos sociais. Forma-se, assim, um cenário de disputa que dirá não só dos grupos, mas dos indivíduos que ali convivem e das realidades locais e globais que os cercam. Nas metrópoles ocorrem os encontros e desencontros entre sujeitos que constroem cotidianamente realidades, situando-se e localizando-se na sociedade, deixando às claras as desigualdades na distribuição de poder, fortalecendo continuamente identidades e alteridades.

Há uma constante intervenção na cidade física, que a coloca em constante movimento, preenchendo-a de significados. O homem faz uso da cidade e nela inscreve seus hábitos e costumes. Tal intervenção é tanto a dos poderosos que gerem o poder político-econômico, quanto dos cidadãos comuns, sujeitos anônimos, peças fundamentais na “engrenagem” de seu funcionamento. O cotidiano na metrópole reflete, mais facilmente, os problemas do mundo contemporâneo; comporta práticas de temporalidades distintas e em espaços distintos, colocando lado a lado, por exemplo, riqueza e pobreza.

Dessa maneira, a cidade, muitas vezes, parece um mosaico de mundos sociais nos quais a passagem de um para o outro pode ser abrupta ou então sutilmente matizada. Há no espaço citadino personalidades e modos de vida divergentes, assim como espaços físicos conflitantes. Por isso, a convivência entre diferenças pode também estar em tensão, criando confrontos, protestos, causando embates e provocando reivindicações. O território urbano é palco propício para práticas culturais, mani-

(3) Interessante é perceber que o movimento inverso deste processo também pode ocorrer. Assim como a sociedade organiza a cidade no jornal, há, nos dias de hoje, uma certa organização da sociedade (e da vida na cidade) realizada pelos jornais e pelos meios de comunicação em geral.

festações artísticas e políticas. Ali, antigos e novos grupos étnicos e sociais se apresentam e se relacionam indeterminadamente, de várias formas. Há na cidade uma malha narrativa composta de práticas e representações diversas.

A cidade tem assim seu corpo significativo. E tem nele suas formas. O rap, a poesia urbana, a música, os grafites, pichações, inscrições, outdoors, painéis e rodas de conversa, vendedores de coisa-alguma, são formas do discurso urbano. É a cidade produzindo sentidos. (ORLANDI, 2001, p.11).

Mas para qual cidade se volta o jornalismo? O que é flagrado entre tantos flagrantes da realidade? Como o jornalismo constrói e representa cidades, a partir dos acontecimentos para os quais olha? Como as elabora jornalisticamente?

Mesmo sofrendo a concorrência dos outros canais de comunicação,

o jornal se caracteriza como um instrumento excepcionalmente poderoso de *integração* dos múltiplos universos de referência que ele toma como objeto (LANDOWISK, 1992, p.117, grifo do autor).

Ele está estruturalmente dividido e organizado em diversas seções. Seus cadernos e/ou editoriais denotam a sua vocação de veículo que busca dar conta, à sua maneira, das realidades complexas sobre as quais se dispõe a falar. Política, economia, culinária, moda, literatura, esportes, cultura, lazer são algumas das temáticas que dividem espacial e semanticamente suas páginas e que demonstram a ânsia desse veículo de saturar todas as dimensões da presença do sujeito

no mundo. Concordando com Jorge Pedro Sousa, podemos dizer que os meios jornalísticos

(...) integram essas representações de determinadas ocorrências, idéias e temáticas, enquanto fragmentos que são, num sistema racionalizado e organizado que globalmente fornece um quadro referencial explicativo do mundo, num processo que poderíamos, genericamente, designar por construção social da realidade pelos *media* (SOUSA, 2002, p.18).

Baseados nessa dimensão construtiva realizada pelos jornais, perguntamos: em que medida se configura a cidade no jornal? Onde ela se localiza e como é localizada? As grandes cidades hoje incorporam muitas características comuns, compartilhando vários contextos geográficos, políticos, econômicos, culturais que ditam formas de vida similares, seja em grandes metrópoles e em outras cidades do Brasil e do mundo. Mas há nelas também a presença de realidades globais, nacionais e regionais, incorporadas localmente de formas específicas.

Nesse contexto, levando em conta o que há de geral e específico, queremos saber como o jornal constrói contemporaneamente uma imagem da cidade. Como aparece a cidade? Ao olharmos para facetas visuais e verbais em grandes jornais brasileiros de circulação diária⁴, tomando-as como flagrantes de um todo que é social, político, econômico, cultural, um todo que é real e que jornalisticamente se constrói através de recortes e leituras, como aparece a cidade? Que cidade é (são) essa(s)?

⁴ Este texto baseia-se em estudos feitos anteriormente sobre a representação da cidade em jornais brasileiros de circulação nacional e regional (ver TAVARES, 2003) e de circulação estadual e local (ver TAVARES, 2005). Tais estudos foram desenvolvidos junto ao GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG) sob orientação do Prof. Dr. Paulo Bernardo Ferreira Vaz.

Os cadernos “Cidade”

Os cadernos que compõem um jornal tratam de temáticas diversas, buscam um ângulo sobre os acontecimentos, estabelecendo rotinas jornalísticas de cobertura e abordagem dos fatos, dentro de uma determinada temática: economia, esportes, cidade, cultura, etc. Mesmo a capa, página principal do jornal, possui sua dinâmica, voltada para a hierarquia das notícias, configurando importância e valor ao que é noticiado, publicizando visualmente o que deve ou não ter destaque, fazendo chamadas para as páginas internas. No conjunto dos jornais, encontramos editorias que parecem conviver em lados opostos mas, ao mesmo tempo, em perfeita sintonia. O jornal parece buscar um equilíbrio interno que “tranqüiliza” o leitor e confere credibilidade ao periódico. A notícia em um determinado espaço, se muda sua abordagem ou angulação, poderia se situar em outra editoria. Na dinâmica jornalística, a pauta de uma editoria (um acontecimento), gera pautas para a outra (desdobramentos do acontecimento). A inauguração de uma indústria pelo Presidente da República pode estar na editoria de “Política”, mas os desdobramentos desta notícia podem estar presentes nas páginas da editoria “Economia”, por exemplo.

Ao observar os espaços delimitados pelo jornal, nota-se que quase todos eles têm a cidade como fonte para suas notícias. Se a cidade — quase na sua totalidade — é o palco de onde o jornal retira os acontecimentos, perguntamo-nos: por que a existência de um caderno⁵ específico intitulado “Cidade”? Qual temática cerca este caderno? Que cidade é esta?

Historicamente os cadernos “Cidade” são

aqueles cuja atenção se volta para o cidadão comum, seu leitor. Nesse sentido, a cidade buscada por estes cadernos é aquela enquadrada sob um ângulo que aproxima o jornal deste cidadão, da comunidade ou das comunidades da cidade. Há uma forte ligação com a questão social, com as políticas públicas, com os órgãos de poder executivo e legislativo.

Nos cadernos “Cidade”, a notícia encontra-se muitas vezes organizada a partir de uma certa grade de leitura definida pelo jornal, que a relaciona a um conjunto de “macro-setores” que afetam a vida dos cidadãos no dia-a-dia: educação, saúde, transporte, alimentação, economia, habitação, segurança pública. Muitas das consequências do que está noticiado nas seções mais nobres do jornal (Política, Economia etc), materializam-se de forma prática na vida dos cidadãos e compõem cotidianamente as manchetes dos “Cidade”. Certos assuntos tornam-se mais recorrentes em determinadas épocas, tais como a educação em época de matrícula ou greve escolar e o transporte em época de aumento de tarifas. Os cadernos “Cidade” buscam, portanto, trazer os reflexos de acontecimentos políticos e públicos para a vida do cidadão, esclarecendo os acontecimentos e seus desdobramentos a partir deste ponto de vista⁶.

Segundo a jornalista Renata Rangel,

por cuidar dos problemas diários mais próximos do cidadão, a Editoria de Cidades, talvez mais que qualquer outra no jornal, deve estar permanentemente preocupada com a prestação de serviços ao leitor. Ao lado do noticiário dos programas de saúde dos governos

⁵ *Trabalharemos com a noção de “caderno” nos jornais como sinônimo de editoria.*

⁶ *O jornalista Ricardo Kotscho ressalta que os cadernos “Cidade” além de registrar a vida transformando-a em notícia, cumprem um papel outro: “É nesta terra de ninguém (...) que se vai encontrar o Brasil real – as histórias da vida e da morte dos desempregados, dos menores abandonados, o fim de linha da violência e dos desencontros, o drama dos bóias-frias e dos sem-terra, as vítimas e seus algozes frente a frente. Ali está o reverso do Brasil oficial dos gabinetes, dos decretos, das discussões teóricas” (KOTSCHO, 2000, p.58).*

federais, estaduais e municipais, dos grandes casos de polícia, das reivindicações do funcionalismo, dos aumentos de tarifas e dos impostos, é necessário e fundamental fornecer informações que ajudem a melhorar a vida do habitante da grande cidade (RANGEL, 1986, p.91).

Nesse sentido, um “tipo de jornalismo” muito presente nos “Cidade” é aquele que se volta para a prestação de serviços. Ali encontramos também outros fragmentos da cidade real: seus monumentos, seus locais e sua cultura, os hábitos e as tradições, o comportamento dos habitantes, o obituário dos moradores etc. O patrimônio histórico é notícia (a restauração de uma praça ou prédio antigo), assim como uma festa típica, os pontos de encontro dos cidadãos, uma rua. Cabe ainda neste caderno contar o drama de uma mãe que passa horas na fila do hospital para conseguir um atendimento médico para o seu filho; traçar o perfil de uma pessoa, transformando-a em personagem do cotidiano; ouvir a sua opinião. Cabe detectar as necessidades da população, antecipar tendências. Tudo isso é uma “(...) outra maneira de o jornal intervir na vida da cidade e, às vezes, mais eficaz” (RANGEL, 1986, p.92). Nos cadernos “Cidade”, os sujeitos representados, os cidadãos, são figuras importantes, articuladores invisíveis da vida na cidade, não somente como protagonistas, mas também como coadjuvantes, direta e indiretamente envolvidos na vida que nela se dá e nela acontece.

A cidade dentro do jornal — que ocupa os cadernos “Cidade” — assume novos contornos ou contornos específicos. Apesar de apresentar algumas “fôrmas” que in-

formam a vida da cidade, e de estar fortemente atrelada ao banal e trivial (acontecimentos menores), a matéria-prima dessa editoria se compõe também de grandes comemorações, grandes acidentes (acontecimentos maiores).

Nesse contexto múltiplo e recortado desponta, contudo, uma temática: a violência e a segurança pública, presenças constantes nos jornais, nos quais se destacam, crescendo quantitativa e qualitativamente. Ao tratar, neste caderno, do cotidiano do cidadão comum, o jornal passa a ser vigilante e delator dos crimes e das “barbáries” que “assombram” a população dos grandes centros. Advinda da crônica policial, (muito freqüente nos jornais de outras épocas, mas inserida em um outro contexto histórico), a cobertura de polícia chega a formar uma espécie de seção especial ou de subeditoria dentro dos cadernos “Cidade”. A presença da violência na vida do cidadão — seja ele morador de uma favela ou morador de um bairro nobre — se materializa jornalisticamente e em grande volume neste espaço do jornal⁷.

Violência e Medo

As faces da cidade expostas nos cadernos “Cidade” estão sempre em mutação. A cidade, ali, está em notícias que remetem a fatos que dizem da sociabilidade do espaço urbano, de flagrantes do comportamento de seus cidadãos, no que lhe há de mais comum e trivial. Encontram-se também matérias sobre ações do poder público, matérias sobre melhorias e problemas na educação, na saúde etc. Apesar de constantes e de direcionadores da pauta dos jornais e de seus cadernos

⁷ Mesmo em outras formas midiáticas, destacando-se aí a televisão, as notícias sobre violência, antes hierarquicamente secundárias, atualmente fazem parte das principais manchetes. É comum nos dias de hoje vermos um assalto, um tiroteio, um assassinato, encabeçando as chamadas de um telejornal.

“Cidade”, esses temas não figuram, contudo, em suas páginas no dia-a-dia. Não se trata de uma pauta fixa e rígida que enquadra todos esses temas, todos os dias, na cobertura jornalística da cidade. Pode-se notar, no entanto, uma outra realidade recorrente nos periódicos, criando a expectativa de um olhar fixo sobre ela, no cotidiano. Nesse cenário encontram-se as cidades de crimes, homicídios, ações policiais, tiroteios, brigas, corrupção. Nessa cidade dos logradouros públicos onde acontecem pequenas ações cotidianas, irrompe uma cidade de medo e insegurança. Essa invasão que ocorre na cobertura jornalística diz também de uma situação de coabitação. Cidades que se coabitam e que são construídas diferentemente, intercalando-se e interpenetrando-se de diferentes modos.

Esses cadernos estampam a cidade onde é possível avistar um cotidiano comum, amistoso e até mesmo bucólico. Mas estampam também essa cidade distintamente marcada, onde há problemas ligados ao poder público e a questões sociais mais amplas. Salta aos olhos, então, uma outra realidade dessa mesma cidade envolta pela insegurança e pela vigilância. Não há como olhar para os jornais em busca da cidade no seu cotidiano mais comum sem enxergar o destaque dado à cobertura policial⁸ e com as variações que esta incorpora.

Se há um olhar vigilante no jornalismo, a cidade vigiada é composta de espaços e sujeitos, mas representada em outros espaços, por outros sujeitos, em outras temporalidades, que integram a cidade imaterial do medo.

O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo. (PINHEIRO; ALMEIDA, 2003, p.7-8).

Este sentimento vem à tona quando está em pauta a cidade contemporânea, como nos apontam a grande maioria dos jornais das grandes cidades brasileiras. Nesse contexto ganha destaque a cobertura dos cadernos “Cidade”. Nas matérias e fotografias impressas nesses cadernos encontramos um misto de barbárie, covardia, sofrimento e tensão.

Os acontecimentos que emergem do cotidiano e passam a povoar a teia noticiosa criada pelos jornais, colocam a ação policial e os crimes lado a lado. Ambos estão em contato direto e variam quanto ao sentimento que despertam. Como apontou Susan Sontag em uma de suas últimas obras,

a caçada de imagens mais dramáticas (como, muitas vezes, são definidas) orienta o trabalho fotográfico e constitui uma parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial de consumo e uma fonte de valor. (SONTAG, 2003, p.23-24).

São fotografias deste tipo que acompanham inúmeras matérias nos jornais diários em circulação no país. São imagens que retratam de maneira bastante forte, episódios onde aparecem o crime e a violência. A relação de consumo criada nos dias de hoje em relação a este tipo de imagem, como aponta Sontag (2003), eviden-

⁸ A ideia de uma cobertura policial reflete precisamente uma prática muito comum – e quase absoluta – nas redações dos jornais: a abordagem da violência tem sempre como fonte privilegiada, e quase única, a polícia. Há uma dependência deste tipo de cobertura em relação aos órgãos de segurança o que acaba por expor a fragilidade da apuração e a dependência do veículo em relação a este órgão de poder na cidade.

cia ainda mais a presença diária de tal conteúdo nas páginas dos jornais impressos e na grande mídia em geral.

Os grandes jornais brasileiros constroem a imagem de uma “guerra urbana” nas grandes metrópoles. Nos cadernos “Cidade” encontramos o confronto permanente entre a cidade da insegurança e a cidade policiada, entre a cidade da segurança e a cidade do crime.

Uma cidade violenta e uma cidade viada. Mas não duas cidades. Uma em muitas. Várias em uma. Repassando a cobertura policial dos jornais nota-se a constante e simultânea presença do crime e da vigilância, onde aparece de forma consoante a constante tensão entre uma cidade de perigos e de policiamento. Nesse cenário aparecem habitantes distintos da cidade: criminosos, bandidos, assassinos. Em suas formas de vida destaca-se o contexto negativo abrandado apenas pela presença de outros indivíduos, como os policiais mantenedores de ordem, vigilantes e não apenas cidadãos em exercício profissional; o que não deixa de lhes agregar, de alguma forma, o sentido da negatividade.

Espaços e temporalidades ali representados assumem delimitações muito marcadas. O que se vê “nessa” cidade é, sobretudo, sua periferia, circunscrevendo, primordialmente, locais habitados por pessoas menos favorecidas. Maurice Mouillaud relembra claramente este paradoxo existente entre a violência e o crime, e busca explicá-lo a partir da lógica jornalística tipificadora:

O local ocupado na mídia pelas periferias (a “violência”, a “periculosidade”) está à altura

“Ao delimitarem as faces e os locais da violência os jornais promovem simultaneamente um afastamento e uma aproximação. A cidade está próxima de um ‘nós’, mas há uma relativa distância entre este ‘nós’ e outros ‘nós’ da cidade.”

de nossa polícia; *id est*, da exigência de uma sociedade cada vez mais policiada. Mas uma sociedade perfeitamente policiada seria um vidro plenamente polido, quer dizer, transparente e invisível. O visível é, só pode ser, uma sombra! (MOUILLAUD, 2002, p.46).

Ao delimitarem as faces e os locais da violência os jornais promovem simultaneamente um afastamento e uma aproximação. A cidade está próxima de um “nós”, mas há uma relativa distância entre este “nós” e outros “nós” da cidade. A sombra criada pelo jornalismo faz sobressair no imaginário composto por suas imagens e construções noticiosas os bolsões de pobreza das capitais. Esses aparecem como locais do crime, da morte, da cidade perdida. Criam-se fronteiras nos jornais e na cidade que insuflam a existência de um sentimento de repulsa e medo. Pela lógica dos jornais estimula-se a idéia de que se deve estar longe destes lugares. Ali está o perigo. Quando olhamos para a sociedade, sabemos da vontade que as populações mais abastadas têm de se afastar desses lugares, criando uma barreira invisível e constantemente reforçada. Os jornais funcionariam como vidro – no sentido apontado por Mouillaud (2002) – mas não só no sentido de transparecer, mas de delimitar a realidade, sutil e fisicamente.

Não queremos e nem podemos com isso ser deterministas, dizendo que o crime só acontece naqueles lugares e que os jornais tudo tipificam. Queremos e devemos, no entanto, chamar a atenção também para a estrutura do jornal, próxima à estrutura da sociedade, ou à altura dela, como nos apontou Mouillaud (2002). O que fica bas-

tante evidente num apanhado sobre a cobertura dos “Cidade” e, conseqüentemente, sobre a cidade.

Territorialidade afirmada

Ao olhar, então, para cidade e para os jornais através de seus cadernos “Cidade”, pode-se perceber a multiplicidade de representações e avistar como certas grades de leitura dizem da prática jornalística, da construção social e diária da realidade promovida pelos jornais. Se olharmos para a cidade, tomando-a como lugar de “excelência” do cotidiano, vale perguntar qual é a cidade representada pelo jornal e em que medida tal cidade coincide, invade e complexifica nosso olhar sobre a mesma cidade para a qual o jornal se dirige e sobre as cidades em que vivemos. É parte dessa discussão a grave questão social brasileira, especialmente localizada no espaço urbano, e o conjunto de jornais que a habitam. Cada cidade tem suas próprias características, assim como cada jornal que nela se encontra tem sua própria política editorial que orienta suas coberturas. No entanto, quando voltamos nosso olhar para as grandes metrópoles brasileiras, nelas distinguimos um contexto convergente, no qual se situam os cadernos “Cidade”, local privilegiado de materialização jornalística da vida social cidadina.

Assim, olhar para a cidade a partir destes cadernos é quase que operar com uma espécie de lupa jornalística que aumenta, eleva o volume e o valor de certos fragmentos citadinos que, uma vez no jornal, constroem representações, realidades. Os cadernos “Cidade” se en-

“Os cadernos ‘Cidade’ se enquadram como peças importantes na construção de uma imagem da cidade. Tais cadernos são um recorte do espaço urbano, definem uma cidade e um cotidiano especificamente delimitados e construídos pelos jornais.”

quadram como peças importantes na construção de uma imagem da cidade. Tais cadernos são um recorte do espaço urbano, definem uma cidade e um cotidiano especificamente delimitados e construídos pelos jornais. Neles a relação entre o cotidiano, a cidade e o jornalismo se dá de maneira particular e muito próxima, diferentemente de todos os outros espaços (cadernos e seções) existentes ao longo dos periódicos. Ali, como o próprio nome diz, está “a cidade”.

Dessa forma nos cadernos “Cidade” fica clara a relação do jornal com o próximo, com a questão local, com o lugar que o envolve, com o território que ele ocupa. Conforme nos aponta a geógrafa Zilá Mesquita:

O território é o que é próximo; é o mais próximo de nós. É o que nos liga ao mundo. Tem a ver com a proximidade tal como existe no espaço concreto, mas não se fixa a ordens de grandeza para estabelecer a sua dimensão ou o seu perímetro. É o espaço que tem significação individual e social. Por isso ele se estende até onde vai a territorialidade. Esta é aqui entendida como projeção de nossa identidade sobre o território (MESQUITA, 1995, p.83).

Nesses cadernos vemos a criação e a afirmação de uma territorialidade. Os jornais olham para a cidade e para o seu cotidiano e dela capturam uma significação que diz respeito ao indivíduo e à sociedade, ao jornal e aos cidadãos, entre os quais se encontram seus leitores. Mesmo trans-parecendo características e questões que dizem respeito à população e ao universo de qualquer grande cidade, há nos cadernos “Cidade” uma ligação com o próprio, com o próximo. As preocupações que gi-

ram em torno das temáticas do caderno dizem respeito àquilo que cerca seu público de maneira mais efetiva, oferecendo a esse público uma gama de imagens e possibilidades de posicionamento. Pode-se identificar uma ligação com o “nós”, com aquilo que identifica a cidade, com suas identidades e particularidades. Há um sentimento de pertencimento. E, mesmo que esse “nós” esteja representado de diversas maneiras — e, por isso mesmo provoca reconhecimento e estranhamento tanto de uma identificação quanto de uma alteridade —, há nos “Cidade” uma tentativa constante de afirmação da cidade. Mesmo que através de múltiplas representações. Em seus textos verbais e visuais encontram-se as contradições da cidade que permitem movimentos distintos na relação entre o que está exposto e construído, entre a representação para quem a vê e para quem ela se dirige.

A cidade, como sabemos, mesmo singular, não deixa de ser múltipla. Está em movimento e em constante mutação. Nesse sentido, o jornal, nos cadernos “Cidade”, diz de um “como somos” e de um “quem somos” a partir de territórios (de espaços) e de momentos⁹ (tempos). E esse movimento será contínuo e complexo, assim como o é a vida social.

Sobre os autores:

Frederico de Mello Brandão Tavares é mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador colaborador do GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG). Professor dos cursos de Comuni-

cação Social da Universidade FUMEC, Faculdade Pitágoras e Faculdade Fabrai, em Belo Horizonte-MG.

Paulo Bernardo Ferreira Vaz é doutor em Comunicação e Educação pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França. Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador do GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG).

Bibliografia

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FRANÇA, Vera. **Jornalismo e vida social**: a história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LANDOWISK, Eric. Uma semiótica do cotidiano (Le Monde, Libération). In: _____. **A sociedade refletida**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Educ e Pontes, 1992. p.117-125.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda** – Jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2.ed.São Paulo: Summus, 1988.
- MESQUITA, Zilá. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos R. (orgs.). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Ed. UFRGS; Santa Cruz do Sul: UNISC, 1995. p.76-92.
- ORLANDI, Eni P. Tralhas e troços: o flagrante urbano. In: _____. (org.). **A cidade atravessada**: Os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Ed. Pontes, 2001. p. 9-24.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio; ALMEIDA, Guilherme

⁹ *Pensamos o tempo aqui como momento variado: “O tempo do cotidiano é um plural, o tempo dentro do tempo” (LYNCH, 1988, p.21).*

- Assis de. **Violência urbana**. São Paulo: Publifolha, 2003.
- RANGEL, Renata. Mais “catchup” para o leitor. In: SEMINÁRIO DE JORNALISMO. São Paulo: Folha de S.Paulo, 1986. p. 91-96.
- SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.
- TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O negro-mestiço e a cidade**: alteridade na narrativa fotojornalística. Belo Horizonte, 2003. 98p. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Na cidade, o fotojornalismo; no fotojornalismo, Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2005. 168p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.